

TAXA PAGA  
AUTORIZAÇÃO Nº 48  
ECT - DR - SC.



# Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ OUTUBRO DE 1973 ★ Nº. 10

## CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S.P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

# Blumenau

## em Ladernos

T O M O X I V

Outubro de 1973

Nº 10

## A A P O S T A

C. GAERTNER

Janeiro 1915. A Campanha do Contestado aproximava-se do fim. Os fanáticos, sangrentamente batidos nos seus mais fortificados redutos, Vitimados pelas epidemias resultantes das aglomerações falhas das mais elementares medidas de higiene, preocupados pelo problema da subsistência que o cêrco estratégico lhes estava impondo, retiravam-se para Santa Maria. - Os velhos, as mulheres, as crianças e os doentes, inúteis para a luta, entregavam-se, aproveitando o apêlo militar de rendição com anistia. Mas, grupos esparsos, ou jagunços isolados, foragiam pelos matos em busca dum abrigo seguro e do alimento vasqueiro. Sustentavam-se com pinhões, cabeças de palmeiras, de butiazeiros e de uvaranas, com renovos de pinheiros e com outras plantas e raízes silvestres, caça miuda, larvas e insetos, e, premidos pela necessidade, devoravam, assando-os, os arreamentos de couro crú que ainda possuíam, comiam as malgostosas frutas da imbuia, e rompiam os xaxins para lhes comer o miolo fibroso e indigesto, como tinham visto os porcos procederem.

As estâncias visinhas - como a Fazenda Butiá Verde, Zacarias de Paula Xavier, que fora povoada com milhares de reses - estavam agora desertas e abandonadas. Mas não cabia a culpa exclusivamente aos fanáticos. As forças federais mobilizadas para sufocar a agitação encontravam-se numa região geograficamente desconhecida, acidentada, recoberta de grandes florestas onde predominava o pinheiro, recortada de rios profundos de cursos e váus desconhecidos, e tiveram, por isso, de utilizar piquetes civis que lhes servissem de guias, tapejaras ou vaqueanos, que fizessem com rapidez e eficiência os serviços de ligação, e que, inclusive, espionassem ou bombeassem os movimentos do inimigo. - Mas essa gente era regra geral, muito mais cruel do que o próprio fanático, lançados ao desespero pelo sangrento bombardeio de Taquaruçu que lhe levara filhos, mulher e amigos. Aproveitavam-se das suas imunidades junto às forças armadas para praticar

toda espécie de crimes, arrebanhando o gado das fazendas para vendê-los às forças em operação. Pedro e João Ruivo deixaram disso um triste e documentado exemplo. - Dessa forma muitos chefes de vaquenos enriqueceram, lançando a culpa dos abigeatos e dos outros crimes aos infelizes jagunços.

Naquela tarde ensolarada de fins de janeiro de 1915, Nito e Chico Dias, vaquenos do «capitão» Fidêncio, estavam nas proximidades da invernada do campo da Dúvida, procurando cortar o rasto de cinco mulas de carga desgarradas. Como o sol já transpusera o zênite, resolveram sestar em alguma parte para comer e dar descanso, água e pasto às montarias. Com as cautelas que o tempo exigia, procuraram um lugar protegido para se acobertarem de surpresas. Decidiram-se por uma elevação em cujo cimo butiazeiros e guamirins, em sociedade, formavam um ótimo conjunto para descanso, abrigo e observação. - Puseram no chão os pelegos, afrouxaram as cinchas, e desenfrenaram os animais para que pastassem. Tiraram dos tentos o piquá de paçoca que comeram, sentados nos pelegos. Tomaram uma boa talagada de pinga do borrachão de guampa, acenderam os cigarros crioulos e, deitando-se de bruços, carabinas à mão, passaram a conversar. Naturalmente a palestra versou sobre os acontecimentos e fatos mais recentes. Falaram sobre o ataque às Estações Calmon e São João, a 5 e 6 de setembro, onde os jagunços mataram vinte e sete pessoas, inclusive duas crianças encontrada dentro de um saco de estopa. Fizeram um cálculo aproximado do número de jagunços aprisionados que o velho Nêco Biriva degolára, com aquele jeitinho manso e manhoso de chamar a todo mundo de compadre. Gabaram a valentia do Chico Lino que com um punhado de vaqueanos, a 4 do mês, detivera duzentos jagunços no Passo do Leandro, no rio Correntes, até receber reforços. Nito lembrou, então, que no oratório da casa da siá Lina Alves Pereira, mãe do Chico, na Fazenda da Barra, havia uma santa muito milagrosa, a quem estava devendo uma promessa - a sua altura em fita e uma vela de ceral

Conversa vai, conversa vem, tinham descuidado a vigilância, e, quando olharam para a campina, viram lá um homem, ao que parecia, colhendo alguma fruta silvestre para enganar o estômago.

- Olha lá um jagunço! exclamou Chico Dias,
- É verdade! confirmou Nito.

Chico Dias, com os cotovelos apoiados na relva, mirou com a carabina o homem que então se abaixara para juntar algumas grimpas secas de pinheiro para acender fogo.

- Não perca munição; é muito longe! disse Nito.
- Eu daqui acerto nele! afirmou Chico.
- Qual o quê! É impossível!
- Impossível é Deus pecá e moça não namorá! Jogo dois pila como derrubo ele!
- Tá jogado! disse Nito

E virou para a frente a boca da guaiaca de couro de lontra donde tirou uma prata de dois mil réis que pôs no chão ao lado do amigo.



sem estampa, meros espectadores colocados em fundo de cena - mas sim autênticos participantes, cercando o personagem principal - D. Pedro. No quadro de Pedro Américo estão as pessoas que realmente estiveram no Ipiranga, que assistiram, participaram e ouviram «o grito heróico» com as suas imagens autênticas, vestidos como deviam estar, de acôrdo com o seu tempo.

Pois Xavier Pedrosa, de acôrdo com as descrições havidas, com a relação da comitiva imperial, cento e cinquenta anos depois da cena, nos conta quem são os acompanhantes do Imperial, que é a figura central do quadro, de chapéu armado e espada ao alto. Depois dele, seguindo para a esquerda de quem olha o quadro, lá estão D. Luís Saldanha da Gama, o Brigadeiro Jordão, o Coronel de Milícias Antônio Leite Pereira da Gama Lobo, provavelmente o ropeiro José Maria da Gama Freitas Berquó, o futuro Conselheiro Francisco Gomes da Silva, que ficaria mais conhecido na História pátria sob a alcunha de «CHALAÇA», intimo do Príncipe; depois, Paulo Bregaro, o estafeta e o major Antônio Ramos Cordeiro, ficando três figuras semi - encobertas - Padre Belchior Pinheiro de Oliveira (que pelo seu papel deveria ter sido colocado em primeiro plano), identificável pelo chapéu, e os criados do Paço João Carlota (que deixou memória de alcoviteiro do Príncipe) e João Carvalho.

A inteligente pesquisa de Xavier Pedrosa, é óbvio, fez-se acompanhar de completa e perfeita justificação, não permitindo enganos nem dúvidas a respeito.

Com semelhante trabalho, qualquer um se daria por satisfeito e consideraria estar com a missão cumprida - e jamais pensaria em

querer senão identificar cada um dos dragões presentes na tela de Pedro Américo um a um, cada um de per si, pelo menos relacioná-los.

Xavier Pedrosa, com paciência de médico aposentado e de historiador em exercício está fazendo justamente isso... Por mim, estou propenso a acreditar que ele acaba ainda por encontrar a alcunha do boiadeiro que figura à esquerda da tela e por dar nome aos bois da carreta - tal a meticulosidade com que realiza a sua busca. Incrível!...

Há dias, recebi do velho amigo e colega uma carta, dando-me conta de que está com o trabalho quase pronto, prestes a entregá-lo à publicidade - e me pedia alguns pormenores, a respeito... de um dos dragões, dos que estão montados na tela, na entusiástica postura de quem havia compreendido o solene instante e a grandiosidade das suas consequências.

Queria, nada mais nada menos, saber se um deles deixara por aqui família, pois aqui vivera aqui residira - enfim, buscava Pedrosa obter maiores dados para completar a sua interessantíssima obra.

Dava-me o nome do dragão: Eleutério José Velho Bezerra. Possivelmente, o único homem que residiu no Desterro (de outro não sei... ) que participou do momento culminante da libertação. Era ele da guarda do Príncipe, dos que haviam ido esperá-lo à colina sagrada, um dos presentes. «Ele está na tropa fardada pelo pintor» e «darei notícias dele no meu trabalho a sair, denominador «GUARDA DE HONRA DE D. PEDRO NA VIAGEM A SÃO PAULO» - escreve-me o Autor, querendo mais informações, além das EXATAS que possui que pude confirmar, e

que não sei onde foi ele encontrar... Eleutério José Velho Bezerra veio residir no Desterro, onde foi Inspetor da Alfândega. Em 1845, foi condecorado pelo Imperador, que por aqui passava, com o Oficialato da Ordem da Rosa. Isto Pedrosa me mandou dizer — e está certo, registrado no livro do nosso historiador máximo do Século passado, Manoel Joaquim de Almeida Coelho...

Mas — de onde era ele? De onde veio? Ficou por aqui? Se não, para onde foi? Teria deixado por aqui alguém do seu sangue?

No meu arquivo encontrei apenas referências de que foi ele deputado provincial à nossa Assembléa Legislativa, nas 6<sup>a.</sup>, 7<sup>a.</sup> e 8<sup>a.</sup> legislaturas (1846-47; 1848-49; 1850-51) e já enviei os dados ao pesquisador. Nada mais encontrei. Nenhum vestígio além desses — apesar de haver vasculhado os Livros de Óbitos da Matriz até 1872, nos quais não lhe encontrei o nome, entre os seis Eleutérios falecidos e registra-

dos; nem nos livros de Batismo — pois um Inspetor de Alfândega e deputado, se não batiza filhos próprios, por não os ter ou ser solteiro, sempre tem filhos alheios para fazê-lo, ainda mais numa época como aquela, em que ser compadre de deputado sempre valia alguma coisa... Pois nem filhos nem compadres encontrei.

A lage do túmulo de Eleutério José Velho Bezerra, o velho dragão da Guarda de Honra do Imperador não chegou, assim a ser totalmente levantada pela curiosidade de Xavier Pedrosa. Também procurei esperar pelo vão aberto — mas encontrei nada, descobri mais nada.

Como todos os túmulos seculares, apenas alguns restos — o mais, tudo o mais roído pelo tempo, misturado no pó do esquecimento.

Quem nos dará outras notícias do dragão da Independência que morou no Desterro?

## Uma Sobre Santos Dumont

Neste ano em que se comemora o centenário de nascimento do «pai da aviação», é oportuno reproduzir-se a seguinte notícia, que colhemos no número 6, de 6 de junho de 1904 do semanário «Novidades», de Itajaí:

«Santos Dumont, o herói da navegação aérea, acha-se nos Estados Unidos onde foi disputar o grande prêmio que a Exposição de S. Luiz oferece nesse certame de aerostática a realizar-se breve. Um perverso, mandado sem dúvida por algum dos concorrentes, introduziu-se no local onde se achava o balão nº 7, que Santos Dumont trouxe para este fim, e inutilizou o saco de gás com 48 talhos de faca, interessando as quatro espessuras da seda. O concerto, se necessitar substituir o saco de gás, precisará de seis semanas e, substituindo-o, precisará de seis meses e Santos Dumont não figurará no Concurso. Ainda a propósito de Santos Dumont trazem os jornais de Londres a notícia de ter ele recusado avultada quantia do governo japonês para passar por cima de Porto Arthur com seu dirigível e fazer cair explosivos que destruíssem as fortificações da praça de guerra, atualmente sitiada por tropas e navios do Mikado».

## CATARINENSES EM JENA

De uma carta do nosso colaborador, Professor Herbert Koch, que foi diretor da «Escola Nova», atual Dom Pedro II, residente na Alemanha, extraímos as seguintes informações muito interessantes:

«Por acaso li um tema do «Jahresberichte der Pfeiffer-Schroeterschen Lehr und Erziehungsanstalt zu Jena» («Relatórios do Instituto de Ensino e Educação Pfeiffer-Schroeter, de Jena») que me caiu nas mãos. Trata-se de 21 folhetos no formato de 19 X 26 cm., mas apenas 18 deles nos contam sobre o funcionamento e a atuação do Instituto durante os anos de 1884 a 1915, quando a primeira grande guerra pôs fim á sua publicação.

O Instituto foi fundado em 1826 e mudou, por mais de uma vez, de proprietário. O internacionalmente conhecido foi Carlos Volkmann. De 1880 até 1914 foi seu Diretor Ernesto Pfeiffer.

No final de cada Relatório é dado o nome de cada aluno que prestou os exames finais. Dos relatórios que temos presentes verifica-se que os examinados foram em números de 818, dos quais constam nome e sobrenome, lugar de nascimento, idade, tempo de permanência na Escola, religião, profissão do pai e profissão que o aluno pretendia seguir após a conclusão do curso.

Dai verificamos que somente 22,6% eram naturais de Jena e 633 eram «estrangeiros», pois até 1871 todos os rapazes não nascidos no Grão Ducado de Sachsen-Weimar-Eisenach eram considerados estrangeiros. Mas é interessante notar que entre estes havia dois russos e quatro de cada uma destas nacionalidades: guatemaltecos, bolivianos, venezuelanos e brasileiros. Os quatro brasileiros eram: Em 1886: Nicolau Malburg, de Itajaí, com 17 anos e 9 meses de idade, católico romano, residente em Jena desde S. Miguel de 1883, de pai comerciante, profissão que o filho também pretendia seguir; Em 1887, seu irmão Carlos Malburg, de 16 anos e 9 meses de idade, católico, em Jena desde S. Miguel de 1882. Também este rapaz desejava seguir a carreira de comerciante. Em 1887: Carlos Hoepcke, de Desterro, com 14 anos e meio de idade, em Jena desde S. Miguel de 1883, protestante, sendo seu pai negociante e consul geral alemão. O rapaz pretendia ser comerciante. E, em 1887: Carlos Meyer, de Campos Novos, de 17 anos de idade, em Jena desde S. Miguel de 1883, protestante, seu pai falecera como comerciante e o rapaz desejava ser ourives relojoeiro.

Possivelmente muitos dirão que isso era muito pouco. Mas já é de se admirar que a pequena cidade de Jena então já fosse conhecida à tão grandes distâncias. Entre os seus 16.500 habitantes contavam-se

apenas 680 estudantes e Roberto Gernhard, que esteve alguns anos como aprendiz no «Jornal de Jena» («Jenaischen Zeitung») e que depois dirigiu a «A Reforma», em Joinville, não fez muita propaganda de Jena. Mas quando se verifica que, naqueles anos, doze descendentes de famílias hamburguesas frequentaram aquela escola e que entre a cidade hanseática e Santa Catarina havia um comércio muito florescente, tem-se a chave do enigma».

Até aqui a carta do Dr. Herbert Koch. Este, que foi Professor da Universidade de Jena e, agora, em merecida aposentadoria, aos 82 anos de idade, reside em Wedel, um bucólico recanto da Alemanha Ocidental, faz elogiosos comentários a «Blumenau em Cadernos», que muito nos desvanecem e estimulam. O Professor Koch, entre 1917 e 1919 foi Diretor da Escola Nova, quando ainda funcionava no prédio da Rua das Palmeiras (Alameda Duque de Caxias), já demolido e onde foi construído o atual edifício da Biblioteca Municipal «Dr. Fritz Muller».

## O Notável Itajaiense:

### HENRIQUE DA SILVA FONTES

ARNALDO BRANDÃO

SIGNO - Revista da Academia Catarinense de Letras, em seu número 4, homenageia Henrique da Silva Fontes, catarinense de Itajaí, nascido a 15 de março de 1885. Faleceu em Florianópolis, em 22 de março de 1966. Foi desembargador, professor universitário, escritor e pesquisador da história catarinense, pioneiro do ensino universitário e presidente do 1º Congresso de História Catarinense. Ocupante da Cadeira n. 18 da Academia Catarinense de Letras. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Este itajaiense de quem todos nós tanto nos orgulhamos, recebe da Academia uma homenagem especial. Inúmeros acadêmicos dedicam ao homenageado uma página, pelo menos, da revista, em que extravasam não só a saudade do amigo, mas, antes de tudo, a

grande admiração que tributavam ao nobre Professor.

«Mestre Inolvidável» é o título do trabalho que representa o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Luiz Gallotti, relembrando a época em que cursava em Florianópolis o Colégio Catarinense dos Padres Jesuitas, onde Henrique Fontes era professor. Mais tarde o reencontraria como Diretor da Instrução Pública, Secretário da Fazenda no Governo Adolfo Konder, Juiz Federal, Procurador-Geral do Estado, Desembargador, cargos que desempenhou sempre com merecido louvor, pela dignidade e pelo saber que adornavam sua ilustre figura.

«Henrique da Silva Fontes» - O Homem - Assim Nereu Corrêa intitula sua homenagem. Henrique através do talento de Nereu Corrêa, nos aparece despido de suas

honorarias, para mostrar-se o homem, o lado humano, bem humano de que era dotado e são através de diálogos e de passagens bem transmitidas, que vamos conhecê-lo melhor no seu verdadeiro espírito catarinense de homem inteligente e observador que encontrava sempre uma resposta pronta para cada pergunta.

Paulo Fernando Lago dá ao seu trabalho o título de «Perspectivas Universitárias. Analisando a figura do Mestre faz essa observação: «É interessante a relação entre a Trindade, como palco da futura Universidade, e a motivação religiosa do Prof. Fontes, devoto disciplinado da Santíssima Trindade.

«Rememorações de Henrique da Silva Fontes» - Talvez o mais completo trabalho sobre o homenageado, conforme roda-pé, foi o mesmo encaminhado por Walter F. Piazzø, no qual procura em rápidas pinceladas, traçar o seu perfil moral e intelectual, a partir de suas origens.

Arnaldo S. Thiago escreve: «Modelo de Virtudes Cívicas e Morais» e reporta-se às «Digressões Antroponímicas», em que o autor, ora homenageado, anotou a significação do próprio nome: Henrique - Poderoso na Casa ou o Chefe da Casa.

«Mestre Henrique Fontes, Um Humanista». Martinho Callado Junior. Outro estudo biográfico. O professor é tratado de forma extraordinariamente humana, projetando sua figura de homem sisudo e de teimosia famosa na his-

tória catarinense, onde ocupa lugar de indiscutível destaque. Lendo este trabalho nos inteiramos perfeitamente, da espécie singular de homem que foi Henrique Fontes, uma vez que Martinho Callado Junior não só o focaliza como o glorioso professor universitário, mas também como jornalista, no dizer de Callado, o sarampo do intelectual iniciante.

Edmundo Acacio Moreira o relembra como Professor da História Universal no antigo Ginásio Catarinense.

Andrade de Muricy encerra o volume com dados biográficos inseridos em seu artigo.

Como itajaiense, confesso, falhei quando me foi solicitada colaboração a respeito de meu insigne conterrâneo. Curto era o prazo. Recorri então à minha ex-professora, Virgínia Fontes irmã do homenageado que se achava internada em hospital devido a uma operação de catarata, não podendo me auxiliar. Desejava retratar Henrique Fontes, de forma original e desconhecida para seus companheiros de Florianópolis, um Henrique criança, menino e adolescente vivendo nas escolas da então acanhada Itajaí, mas não me foi possível fazê-lo, e um conterrâneo seu, colega de Academia, ficou calado, nessa hora de homenagens e glórias, em que tantos acadêmicos escreveram e cantaram a grandeza dêsse vulto notável a quem Itajaí que teve a dádiva de ser seu berço, só o pode reverenciar por toda a vida.

# Estante Catarinense

CARLOS BRAGA MUELLER

SIGNO Nº 4 - REVISTA DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

Florianópolis, junho - 1973.

Com o apoio financeiro da UDESC, fato reconhecido logo no início da Revista, vem a lume o nº 4 da série que a Academia Catarinense de Letras edita, sob sua responsabilidade.

A presente edição dedica a maior parte de sua matéria a memória de Henrique da Silva Fontes, que ocupou a Cadeira nº 18 da Academia, tendo falecido em 1966, deixando, sobretudo, muita saudade nos meios sociais e intelectuais, dos quais participava ativamente.

Sobre Fontes escrevem: Altino Flores, com a reprodução de uma carta que a 6 de abril de 1966 ele enviava a Carlos da Costa Pereira; o Ministro Luis Galloti, que em breves mas precisas palavras, considera Henrique Fontes o «mestre inolvidável». Seguem-se artigos escritos por Nereu Corrêa, Paulo Fernando Lago, Walter Piazza, Arnaldo S. Thiago, Martinho Callado Jr. (com 16 páginas de dados biográficos sobre o homenageado) e Edmundo Acácio Moreira.

A segunda parte da Revista SIGNO nº 4 engloba, sob o título ANTOLOGIA, mais um escrito sobre Fontes, desta feita partido da pena de Andrade de Murici. Trata-se de um artigo que Murici fez publicar no «Jornal do Comércio» do Rio, em agosto de 1966.

Lemos, depois, «A Sinfonia dos Crepúsculos», poesia que Silvia Amélia declamou em 11 de outubro de 1971, «Sessão da Saudade» da Academia, em memória a Mâncio da Costa. Consta que foi a última poesia do autor então pranteado. A «Antologia» termina com a crônica «Requiem para um Navio», de Arnaldo Brandão. O autor, que iniciou sua vida como praticante de piloto do paquete «Carl Hoepcke», conta seu reencontro com os destroços do navio, em Santos. Na ocasião em que vira os restos da embarcação encalhada sendo dinamitados, ele ainda não sabia que se tratava do velho amigo. Mais tarde é que veio ao seu conhecimento a notícia de que aquele era o «Carl Hoepcke». É que depois de vendido, o navio fora rebatizado como «Recreio». Fim melancólico para um meio de transporte que tanto fez pela integração de Santa Catarina com o resto do País!

Sob o título de «Vária», segue a Revista SIGNO nº 4 apresentando interessante matéria; «Zé das Estátuas», de T. Jamundá: um artigo sobre José Arthur Boiteux, cognominado o «Semeador de Estátuas»

e que o anedotário popular transformou em «Zé das Estátuas», sem desmerecer com isso as virtudes de Boiteux.

O artigo que vem em seguida, O POETA DA TRINDADE, de Osmar Silva, versa sobre o trovador e poeta Saul Lessa.

ANGELINA é o destaque da página 87 da Revista. Trata-se de um conto escrito por José Cordeiro (será ficção?).

O Relatório da Academia - período 70/71, constante de 14 itens, é apresentado nas páginas 97 e seguintes, pelo Presidente Celestino Sachet. Segue-se uma relação das Cadeiras, com Patronos, fundadores e sucessores, da Academia. E, finalizando a edição, sob o título «Sessão da Saudade», encontramos alguns escritos sobre Laércio Caldeira de Andrada e Mâncio da Costa.

Esperamos que continue, e até com mais frequência, a circulação da Revista SIGNO. É que ela já se integrou á cultura catarinense e dela se sente falta quando decorre muito tempo entre suas edições.

«SONDAGENS LITERÁRIAS», - de Altino Flores - Editora Edeme - 1973.

Altino Flores, o autor, detentor da medalha «Decano da Imprensa Catarinense», é também membro da Academia Catarinense de Letras, dos Institutos Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Minas Gerais, ex-Secretário de vários governos de Estado, tendo ainda uma larga folha de serviços prestados ao ensino e à imprensa catarinense.

Esse currículo o credencia sobejamente para suas incursões no campo da crítica literária, o que aliás não vem fazendo de agora. E sua característica é a maneira direta com que assesta baterias e, nesta obra, especialmente, sobre a «Introdução à História da Literatura Catarinense», de Osvaldo Ferreira de Melo. Aqui estão reunidos artigos publicados no jornal «A Gazeta» na época em que a obra saía a lume. Também aparece, no livro, um estudo-crítico-literário publicado, em jornal, por ocasião do lançamento de «Rocamaranha», romance-histórico de Almiro Caldeira de Andrada.

As críticas de Altino Flores (melhor diríamos, correções), todas fundamentadas em documentos idôneos, longe de depreciarem os livros abordados, procuram completar as obras dos citados escritores catarinenses. E, como Salienta o crítico na apresentação do seu livro, «desde então, evolveram de maneira notável esses dois escritores; aquele (Caldeira de Andrada) dando-nos um romance que lhe está assegurando a ascensão à galeria dos maiores ficcionistas de Santa Catarina; o segundo (Osvaldo Ferreira de Melo), versando temas pedagógicos, com inegável perspicácia, o que lhe há de grangear, por fim, merecida autoridade».

Nas considerações que faz sobre «Rocamaranha», Altino Flores mostra, com primorosa técnica de críticas literária, os inconvenientes que

existem em se produzir uma novela histórica, pois há que se cair, sem querer, em muitas contradições (locais, datas, eventos). Foi o que ocorreu a Caldeira de Andrada, ao narrar a vinda dos Açorianos para a ilha de Desterro, entremeando, aos fatos históricos, uma pungente e lacrimosa estória de amor e renúncia de dois jovens. A respeito do linguajar que Andrada dá a seus personagens, Flores não se conforma com certos «desconchavos de linguagem» e cita «Alcântara Silveira que, analisando o romance «Irmão Juazeiro» observa: «Não sei quando os romancistas que retratam matutos, caipiras, campesinos, sitianteiros ou sertanejos, se convencerão de que não é o linguajar que caracteriza essa gente, mas seus costumes, suas atitudes e suas reações. É por isto, e não por aquilo, que se fica conhecendo o homem do campo, da mata ou do sertão. «Esta citação de Alcântara Silva, feita por Flores, é válida para muitos dos nossos escritores.

Resumindo: «SONDAGENS LITERÁRIAS» vem a tempo, sob o patrocínio da UDESC, reunir corrigendas sobre importantes obras da literatura catarinense. E por isso, e pela perfeição dos escritores do autor, é obra de muita seriedade.

Remessa de livros para: Caixa Postal, 30 - Blumenau - SC



Os árabes, até há bem pouco tempo inexistiam em Blumenau. Os comerciantes locais criavam toda sorte de dificuldades para obstar que comerciantes árabes aqui se estabelecessem. Só nos anos mais recentes é que eles conseguiram quebrar essa resistência, abrindo lojas de vários artigos em Blumenau e no interior do Município.



## Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva  
(Reg. Min. Trabalho nº 2)

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15-12-72

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina

## ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE BLUMENAU (ACIB)

Conforme se verifica da seguinte publicação feita pelo «Der Urwaldsbote», semanário local, em 16 de novembro de 1901, a Associação Comercial de Blumenau foi fundado em 5 dos mesmos mes e ano: «Blumenau, 5 de novembro, no Salão do senhor Gross. Assembléia Constituinte da Associação Comercial do Vale do Itajaí. Estão presentes 32 senhores industriais e comerciantes. O presidente interino, sr. Gustavo Salinger, abriu a sessão e pronunciou algumas palavras de esclarecimento sobre os motivos e as finalidade da Associação. Quanto ao primeiro ponto da ordem do dia, Fundação da Associação Comercial, o senhor Scheffer observou que seria melhor ler-se, primeiramente os estatutos. O Presidente concordou e passou a ler os estatutos. Depois da leitura e discussão de parágrafo por parágrafo dos Estatutos, o senhor Feddersen propôs que os Estatutos fossem aprovados tal como foram lidos. O senhor Altenburg opinou que antes fosse fixada a taxa anual afim de que os senhores presentes conhecessem as obrigações que caberiam aos possíveis associados. A proposta do sr. Altenburg foi aprovada e fixada a mensalidade de 1\$000 para os sócios. Independente disso seria feita uma subscrição para cobrir as primeiras despesas. Tão logo o montante em caixa o permitisse

seriam devolvidas as importâncias subscritas. Os estatutos foram, então apresentados aos presentes para as respectivas assinaturas. 31 senhores assinaram, considerando-se sócios da Associação que, assim, fica constituída. Passou-se à eleição da diretoria. Como presidente foi eleito, com 26 votos, o sr. Gustavo Salinger, como Vice-Presidente o sr. Franz Blohm, com 21 votos, como 1º Secretário o sr. F. Specht, com 23 votos, como 2º secretário o sr. Wilhelm Nienstedt, com 24 votos, como tesoureiro o sr. Luiz Altenburg com 27 votos e como conselheiros Bruno Hering e Wilhelm Scheffer. Por proposta do sr. Salinger foi resolvido que as reuniões se realizassem todas as terças-feiras às 10 horas da manhã, assim como deveria haver, no local, um livro para serem registradas as propostas e as reclamações dos sócios. Foi mais resolvido que a Diretoria da Associação Comercial entrasse em contato com a Diretoria da Cultur-Verein (Sociedade de Cultura) para o estabelecimento de uma data na qual se realizasse uma sessão pública de que participasse toda a Colônia. A Associação Comercial daria os necessários passos para isso, fazendo, assim a sua parte no sentido de amenizar a atual crise econômica. Blumenau, 5 de novembro de 1901.»

## A HISTÓRIA DO MORRO DO CACHORRO

O chamado «Morro do Cachorro», a terceira maior elevação do panorama orográfico do Vale do Itajaí, com 760 metros de altitude (segundo o mapa de José Deeke) é também chamado «Morro da Carolina», em homenagem à D. Carolina Jensen, uma das saudosas ancestrais da família a que pertencem as terras em que a montanha está situada.

Do cume desse morro, situado na divisa entre Blumenau e Gaspar, descortina-se uma visão maravilhosa de todo o baixo Itajaí, vendo-se, em dias claros, muitas das localidades da região, como Brusque, Ilhota, Luiz Alves, Itajaí, as praias litorâneas desde Barra Velha a Porto Belo. A TV. Coligadas instalou ali a sua estação transmissora que, graças à sua situação privilegiada, tem um alcance excepcional em distância e nitidez.

De lá de cima, diante daquela paisagem estonteante, pode-se, também, ter uma idéia exata da topografia de todo o Vale, que não passa de uma sucessão de elevações, algumas de formas exóticas ou bizarras, e de estreitas várzeas agriculturáveis, cortadas de inúmeros pequenos rios e riachos, pontilhada de povoações, com as suas igrejinhas brancas pondo no verde do ambiente uma nota de bucolismo e de poesia.

Hoje, com a estrada aberta pela Coligadas, seguindo o velho caminho existente, alcança-se facilmente de automóvel o cume do Morro do Cachorro.

Mas, nos tempos da colonização e nos princípios deste século, galgar aquela elevação era uma verdadeira aventura. Era uma tarefa de autêntico alpinismo, pois as encostas do morro são bastante íngremes e a subida a pé, pela floresta quase impenetrável, é cheia de percalços de difícil transposição.

E porque uma tão simpática, de onde parte o sinal que, diariamente, enche os nossos lares de música, de notícias, de conhecimentos úteis, de alegrias, tem o nome pouco simpático de «Morro do Cachorro»?

G. Artur Koehler, que foi o diretor-proprietário do combativo periódico blumenauense «Der Urwaldsbote» e um incentivador entusiasta da ginástica, descrevendo, no número 5, de 29 de julho de 1905, do seu jornal, as peripécias de uma escalada feita, dias antes, pelos ginastas blumenauenses, do Morro do Cachorro, conta-nos a origem desse nome.

O caso foi este: Por volta de 1875, um grupo de homens decididos da sede da então Colônia Blumenau, assentou de escalar o alto

morro que ali estava, anos sem conta, desafiando a coragem e a valentia dos blumenauenses.

Sob a direção de Felipe Volles, residente em Itoupava e grande conhecedor de toda a região, que então mal começava, a se pavor, e que possivelmente já tentara a aventura, eles começaram a subida. Foram progredindo com muito esforço, firmando pé nos inúmeros pedrouços, nas saliências das raízes e agarrando-se aos anosos troncos da densa vegetação.

Um desses destemidos «alpinistas» foi o alferes Júlio Sametzki. Este, além de ter participado do grupo de colonos que, em 1865, integrou o batalhão de Voluntários Alemães que foram se bater pelo Brasil nos campos do Paraguai, foi um dedicado auxiliar do Dr. Blumenau.

O alferes era dono de uma cadela a que dedicava grande afeição, retribuída pelo animal com uma estima e uma fidelidade fora do comum.

Naturalmente, ao partir para a jornada, Sametzki obrigara a cadela a o não seguir, como costumava, prendendo-a até numa das dependências da casa.

Mas, quando os excursionistas já se encontravam além de meia distância do cume do morro, eis que a cadela, conseguindo escapar, veio juntar-se ao grupo. Percorrera toda a grande distância no faro do dono e não houve ameaças nem gritos que a fizessem regressar.

O remédio foi deixar que a cadela seguisse o grupo até o alto. Mas, o pior é que o animal estava pejado e nos últimos momentos de criar. E foi só chegar ao pico do morro, a cadela aninhou-se entre umas palhas e pariu quatro lindos cachorrinhos.

Que fazer? Os excursionistas, que não esperavam por mais esse transtorno, fizeram conselho e resolveram matar as crias. Um colono, participante do grupo, prontificou-se em levar a cadela no colo, morro abaixo.

E assim teve origem o nome do morro que deveria chamar-se da «Cachorra» e não do «Cachorro», é o caso.



J á a 9 de agosto de 1900 realizara-se no Teatro Frohsinn uma sessão cinematográfica. Foram muito admiradas as figuras «que se moviam na tela», tendo ultrapassado a expectativa dos muitos assistentes. Despertou muita admiração a «naturalidade do respingar da água» numa cena em que alguns cavalos nadavam num rio. Fôra o primeiro espetáculo cinematográfico em Blumenau.

# FIGURAS DO PASSADO

FERDINANDO HACKBART

A grande maioria dos antigos professores alemães, que durante anos e anos seguidos exerceram a sua patriótica e humanitária missão no interior da então Colônia Blumenau (que então compreendia quase todo o Vale do Itajaí) está hoje quase, senão completamente esquecida. Entretanto, eles foram de uma abnegação, de um espírito de renúncia, de um extraordinário amor à profissão que abraçaram de tal forma aprimorados que deveriam estar sempre presentes na lembrança das atuais gerações como exemplos que foram de verdadeiros e dedicados mestres.

Jogador, muitas vezes, no fundo de uma linha colonial, num círculo restrito a duas ou tres dúzias de famílias, esses professores dedicavam-se de corpo e alma à pequena comunidade, ensinando e educando gerações após gerações, zelando não apenas pelo preparo intelectual dos pequenos colonos entregues aos seus cuidados, mas, principalmente, auxiliando os padres e pastores a manter, entre pequenos e adultos os princípios morais e religiosos herdados dos seus maiores e sobre os quais estes haviam estruturado o seu comportamento e a toda a vida comunitária.

Muitos deles, desses mestres abnegados, raramente deixavam a localidade em que mantinham a sua escola e, entre os seus livros, as suas crianças e a participação nos acontecimentos sociais das fa-

mílias destas, passando, assim, na obscuridade, dezenas de anos até que a velhice os afastasse da escola para viverem de recordações e acabar enterrados, num cantinho solitário do pobre cemitério do povoado. Felizes ainda daqueles que mereciam uma flor depositada sobre o seu túmulo por algum aluno que não esquecera o velho e querido mestre e, no dia das almas, ia ao campo santo rezar uma prece pela sua felicidade na bem-aventurança, por uma felicidade que ele nunca pudera ter na terra.

Um destes professores foi Ferdinando Hackbart que, de 1879 até 1910 foi, ininterruptamente, professor particular da escola, primeirante de Testo Central e depois de Tatutiba I. e de Selketal. Por ocasião de sua aposentadoria, era o mais idoso de Blumenau. Nascera na Alemanha, na Pomerânia, a 6 de março de 1830. De, 1850 a 1853 frequentou o seminário de Cöslin, seu povoado natal, depois de ter feito, ali mesmo, o seu curso primário. Diplomado como professor, exerceu essa profissão em Schwessin e depois em Seege, em pátria e, em 1869, emigrou para o Brasil, vindo como colono para Blumenau. As comunidades escolares daqui logo souberam aproveitar os seus conhecimentos, contratando-o como seu professor. Regeu por muitos e prolongados anos a última das citadas escolas, a de Selketal. Nessa localidade sofreu um derrame cerebral em consequência do qual

ficou inutilizado para o trabalho vindo a falecer pouco depois.

Foi uma criatura modesta e simples. Viveu e morreu na obscuridade. Mas, quantos e enormes benefícios prestou ele à sua pequena comunidade, Instruindo e educando milhares de crianças, serviu com honradez e com dignidade a terra que ele escolhera para sua segunda Pátria, a pátria dos seus alunos que, seguindo o exem-

plo do mestre, deram muito dos seus esforços e do seu amor ao Brasil, ajudando a construir este Blumenau magnífico de que hoje nos orgulhamos tanto.

Que a memória desse mestre, como a de tantos outros que dedicaram a sua vida inteira ao desenvolvimento da coletividade, não seja esquecida. Seja, antes, lembrada como um exemplo digno de encâmios e de imitação.

## BRIGAS POR ANÚNCIOS

Os nossos primeiros colonos tinham, incontestavelmente, grandes virtudes. Eram simples, honestos, trabalhadores. E não descuidavam da instrução e educação dos filhos. Deram, nesse particular, exemplos dignificantes. Exemplos que os seus descendentes vem seguindo.

Mas, tinham, também os seus defeitos. E, entre outros que não vêm a pelo lembrar, pode-se relacionar o gosto que eles tinham pelas que hoje nós chamamos de «fofócas». Um pouco mais que simples «fofócas», pois muitas vezes, estas levavam às vias de fatos, e aos processos judiciários.

E logo que começaram a surgir os jornais blumenauenses (1881 em diante) essas «fofócas» geralmente acabaram nas colunas dos semanários, em forma de pequenos anúncios. Estes, considerados hoje, retratam uma sociedade onde eram comuns as desinteligências entre vizinhos, entre parentes, entre os sócios das muitas sociedades desportivas e recreativas.

Por «dá cá aquela palha» os colonos (com muitas excessões, naturalmente) recorriam à justiça de Paz que, quando não podia chegar à conciliação entre as partes (o que era muito comum) mandava os litigantes procurar um advogado e, por intermédio deste, os seus direitos na justiça civil. E, naturalmente, tanto o juiz de paz como o seu escrivão, sempre levavam o seu quinhão do queijo em litígio.

Há, nesse gênero, anúncios impagáveis nos velhos jornais blumenauenses. Bem que o Dr. Blumenau sempre fôra contrário à fundação de um jornal na sua Colônia. Ao contrário de Joinville, que já o teve em 1862, o primeiro jornal de Blumenau só apareceu depois da Colônia e da criação do Município. O velho papai Blumenau tinha boa

intuição da «Staenkerai» que os jornais poderiam provocar num meio que ele conhecia bem a fundo. Ninguém, melhor que ele, sabia do temperamento e dos vezos dos seus colonos.

Lá por volta de 1912, um jornal local, reconhecendo o que essa espécie de anúncios provocava de mau no relacionamento dos colonos entre si e entre eles e a comunidade, publicou uma nota interessante que convém traduzir. Diz assim: «Quem lançar uma vista sobre as páginas de anúncios dos jornais de língua alemã nos estados do sul do Brasil, se não estiver bem atualizado com a vida e as peculiaridades sociais nas Colônias, admira-se e até mesmo se espanta ante a extravagância e o conteúdo de certos anúncios. Brigas e fuxicos pessoais surgem nesses anúncios e tão mau costume parece cada vez mais enraigado entre os moradores do interior. Bons amigos e vizinhos leais ameaçam-se mutuamente pelos jornais de que colocaram armadilhas ou armas de tiro automático para os que ousassem atravessar as suas terras; outros avisam que os portões dos lotes estão dotados de espoletas de estouro para prevenir visitas indesejáveis. Um marido, por outro lado, faz público, que que sua mulher infiel o abandonara e que não se responsabilizaria por débitos que ela porventura fizesse, prevenindo que ninguém lhe abrisse crédito algum. A mulher, noutro anúncio, comunicava que fora obrigada a abandonar o lar porque era maltratada pelo esposo. Até as próprias sociedade levavam os seus mexericos e «futricas» para as colunas dos jornais em forma de anúncios. Aqui uma comunidade religiosa acusa alguns membros ou fornecedores; ali brigam duas alas de sócios dentro de uma Sociedade Escolar, preferindo que a escola vá para o diabo do que deixarem de questionar os seus pontos de vista, às vezes de mínima ou nenhuma importância»

Os jornais, conhecendo o mal que essas quetiúnculas produziam entre os colonos e, também, ao bom nome da Colônia lá fora e ao prestígio social e moral com que essa mesma Colônia se firmara no conceito nacional, procuraram obstar a esse mal encarecendo muito o preço dos anúncios dessa natureza.

Um anúncio desse gênero custava dez vezes mais que um simples anúncio comercial.

Mesmo assim, o mal só se extinguiu de todo quando os periódicos resolveram não dar mais acolhida a esses anúncios fuxiqueiros. E, praticamente, estes só acabaram quando os jornais de língua alemã deixaram de existir no município há uns trinta anos atrás.

Se, de um lado, a coisa era condenável, muito feia mesmo, de outro apresentava aspectos hilariantes, engraçados. Refletem bem uma época muito interessante de nossa história.

## TRES PINGOS DE HISTORIA

★ Em virtude dos acontecimentos políticos que convulsionaram a vida de Blumenau e a de todo o sul do Estado em 1892 e 1893, foi destituída a Intendencia Municipal de Blumenau, eleita em fins de 1891 e empossada em janeiro do ano seguinte, e, bem assim, o primeiro Superintendente eleito na mesma ocasião, Dr. José Bonifácio da Cunha que se viu forçado a renunciar. O Conselho Municipal, presidido por Gustavo Salinger recusou-se a entregar o governo à nova Intendencia nomeada. A crise tomou aspectos muito sérios e a tal ponto que o governo estadual, então ocupado pelo Tenente Manoel Joaquim Machado, mandou a Blumenau o Chefe de Polícia Dr. Servílio José Gonçalves.

★★ E o Chefe de Polícia veio acompanhado de força policial capaz de garantir a decisão do Governo do Estado. Na presidencia do Conselho de Intendencia estava o Dr. Fritz Muller que era tão grande sábio e naturalista quanto péssimo político. Fritz oficiou ao Conselho Municipal, tendo recebido resposta negativa da entrega pacífica do Governo Municipal, reuniu-se com os seus companheiros na sala do Paço Municipal, sob as vistas e a garantia da polícia e tomou posse da Administração do Município. Fritz Muller não durou muito na chefia do Governo. Poucos dias depois, foi demitido dessas funções por se ter rebelado contra ordens emanadas da capital do Estado.

★★★ Um aspecto interessante desse episódio que, pouco depois, ensanguentavam, numa guerra civil, ingloria os tres estados sulinos, é que a Intendencia deposta monopolizava as simpatias do povo blumenauense, principalmente dos elementos de origem alemã. Bonifácio Cunha, embora caboclo baiano, falava alhão e era querido por toda a população de Blumenau. Os seus adversários políticos (entre os quais estava, lamentavelmente, o sábio Fritz Muller) eram uma minoria insignificante e politicamente desprestigiada. E tanto assim que, na ocasião da posse da nova Intendencia o número de presentes ao ato não foi muito além de vinte, não contando os 5 membros da Intendencia. E, assim mesmo, foi preciso ir buscar esses correligionários no interior da Colônia, nas zonas de colonização italiana, como Rodeio, Cedros, etc. É assim que a ata da instalação da Intendencia está assinada por Baccas, d'Andreas, Zacanelas, Buzzis, Chiesas, Grazias, entremeados de pouquíssimos Silvas, Oliveiras, etc. Felizmente, já um ano depois, com a vitória do Governo Legal sobre as forças maragatas, as coisas voltaram à normalidade, tornando a paz à família blumenauense.

# A Cabeça do Martir

(Dos «Alfarrábios» de José Mendes da Costa Rodrigues)

Em 1830, no terreno próximo ao velho trapiche da cidade do Desterro, contíguo ao lugar onde existia o correr de casinhas denominadas «barraquinhas» que foram demolidas em 1849, cujo terreno ocupa presentemente o edificio denominado «Mercado». Nesse lugar se viu um triste e pavoroso medonho espetáculo. Estava fincado na terra um mastro que regulava a altura de 40 palmos e de circunferência de um palmo, mais ou menos. Na ponta desse pau estava cravado um pequeno varão ou espeto de ferro e nesse ferro estava espetada a cabeça de um ente humano, de cor preta, gotejando sangue que escorria pelo mastro, vindo humedecer a terra. Este medonho espetáculo ali se conservou por bastante tempo. As carnes apodreceram cobertas de bichos de vareja, cujas moscas faziam um ruído infernal. A podridão ezalava uma fedentia pestilenta que fazia vomitar a muita gente que transitava pela praça. Até a banca em que se vendia o peixe deixou de ser frequentada. As quitadeiras se mudaram de lugar. O povo deixou de vir à cidade vender o produto de sua lavoura. Parte dos habitantes da circunferência da praça se retirou para as chácaras e outros lugarejos. Essa cabeça de resto se tornou branca, isto é uma caveira, porque os ossos dos brancos e dos pretos todos são da mesma cor.

Parece-me que o leitor de-

sejará saber quem foi a pessoa que ficou sem a cabeça a qual espetada em um pau na praça da cidade do Desterro. Eu vou satisfazer como testemunha ocular, pois tinha nessa época dez anos de idade. Houve um homem de cor preta, natural da África, Congo, Moçambique ou de outro qualquer dos estados daquele país. Esse homem amava a sua liberdade e era livre em seu país. Agarrado pelos piratas e salteadores que infestavam as costas daquele malfadado país, foi preso e acorrentado e conduzido nos porões dos chavescos que atravessavam o oceano Atlantico e vendido como escravo no nosso bárbaro país.

Esse homem foi rebatizado em cristão e seu nome era «Ventura». Seu senhor, que por ele dera o seu dinheiro era conhecido por «Velho Laureano». O homem livre que amava a sua liberdade nunca quiz se sujeitar ao cativo e preferiu andar sempre vagabundo por montes e vales, comendo raízes e folhas dos paus, sem ofender a pessoa alguma; uma vez por outra aparecia nos povoados quase nu, embrulhado em couros de animais que ele apanhava nos laços que armava nos matos virgens no intuito de obter uma esmola pelo amor de Deus. Havia nessa época de tirano e bárbaro despotismo uma quadrilha terrestre denominado «Capitães do mato». Essa gente, na maior parte composta de vagabundos, assassinos

ladrões, bêbados, atrevidos, sem lei e sem pátria e sem Deus, andavam percorrendo os lugares desertos em busca de homens amantes da liberdade que viviam por essas pavorosas brenhas e algares, sendo uns pessoas que preferiam a morte à escravidão; outros que recrutados fugiam do serviço militar e outros atropelados pelas despóticas e tiranas justiças dessas épocas de bronze que atropelavam os míseros pobres e desvalidos da fortuna, inclusive os excomungados que não compareciam a se desobrigar durante a quaresma, deixando de pagar ao pároco a taxa da confissão e que comiam carne nos dias de preceito, não tendo para isso comprado «Bula da Santa Madre Igreja». Em suma, eram os do jogo de oito e nove, porque no fim só paga o pobre. Esses sultões ou mandarins do nosso desmoralizado país eram nomeados e providos pelos governadores, pelos capitães-mores, pelos Conselhos Municipais e pelos ricos que os denominavam «capangas».

O caso é que um desses felizardos que tinham carta branca para prender, amarrar, surrar, espancar, roubar e matar, cortou a cabeça do infeliz cristão denomi-

nado Ventura, que o velho Laureano dizia ser seu escravo, por havê-lo comprado por bom dinheiro.

A cabeça desse mártir da liberdade é essa que o leitor vê mal desenhada neste papel que fica para comemorar este tirano fato assás horroroso na história da humanidade.

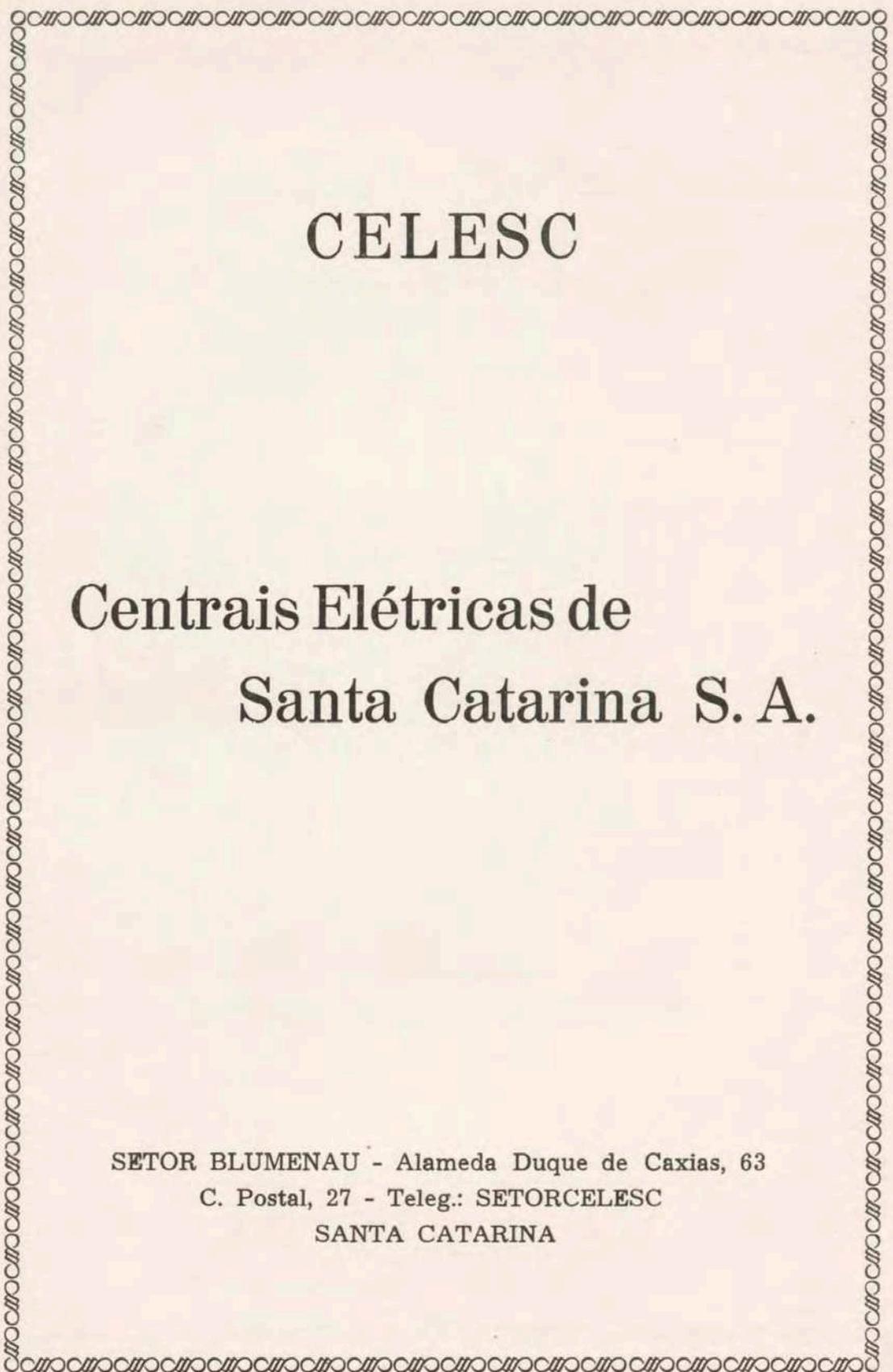
Em um desses dias, falando a respeito com o velho cidadão Antônio Francisco Nunes, empregado público, me disse ele que conheceu o homem de cor preta de nome Ventura e que conheceu o seu velho senhor Laureano e que está muito certo de ter visto a cabeça do mártir da liberdade espetada em um poste, na praça da cidade do Desterro.

O caso é que existem ainda muitas famílias privilegiadas que têm por brasão descenderem dos nobres aristocratas «Capitães do Mato».

A cabeça do martir da liberdade foi posta em exposição pública para terror dos homens escravos que queriam destruir os ferros do cativoiro.



Carlos Hoeschl foi um dos primeiros povoadores da atual cidade de Gaspar. Foi adquirente de alguns dos primeiros lotes urbanos da povoação mandada demarcar pelo Dr. Blumenau e de que se originou a vizinha cidade. Hoeschl faleceu aqui em Blumenau, aonde viera a passeio, a 28 de junho de 1900, e os seus despojos foram transportados para Gaspar, onde foram sepultados.



CELESC

Centrais Elétricas de  
Santa Catarina S. A.

SETOR BLUMENAU - Alameda Duque de Caxias, 63  
C. Postal, 27 - Teleg.: SETORCELESC  
SANTA CATARINA

# Distribuidora Catarinense de Tecidos S.A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs: «DISTRIBUIDORA»

Fones: 22-0825 e 22-0827

## BLUMENAU - S.C.

Tecidos e Artefatos das Melhores Fábricas Têxteis do País

Vendas somente Por Atacado

Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda.